



GEOPOLÍTICA EM SALA DE AULA: QUESTÃO TOPONÍMICA SOBRE O MAR DO LESTE / MAR DO JAPÃO COMO EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Ana Cláudia Araújo Diniz ¹
Mircia Ribeiro Fortes ²

RESUMO

O presente relato descreve uma experiência pedagógica desenvolvida como parte da ação de extensão universitária intitulada “Conhecendo o espaço geográfico do Mar do Leste/Mar do Japão: uma aproximação através da extensão universitária”, vinculado à Universidade Federal do Amazonas. A iniciativa dá continuidade à pesquisa iniciada em 2019, que analisa a representação dos nomes geográficos Mar do Leste/Mar do Japão nos materiais didáticos de Geografia destinados ao Novo Ensino Médio, evidenciando as questões geopolíticas relacionadas à toponímia. A abordagem envolveu a análise integrada de aspectos geográficos, históricos, econômicos e culturais da Coreia do Sul com ênfase espacial na toponímia Mar do Leste/Mar do Japão. A metodologia incluiu dinâmicas introdutórias que facilitaram a assimilação dos conteúdos, atividades cartográficas que favoreceram a leitura crítica do espaço marítimo, análises geopolíticas da toponímia e oficinas interativas, que reforçou a conexão entre os saberes, promovendo o engajamento e a interdisciplinaridade. O referencial teórico-metodológico que sustentou a experiência baseou-se nos princípios da extensão universitária a tríade ensino-pesquisa-extensão. Na etapa prática, os estudantes exploraram temas como a formação geomorfológica e geológica da Península Coreana e do Mar do Leste/Mar do Japão, a divisão política entre Coreia do Norte e Coreia do Sul, a legislação internacional sobre espaço marítimo do referido mar e as questões ligadas à identidade territorial. Também foram debatidos temas contemporâneos, como o desenvolvimento econômico sul-coreano e o impacto global da *Hallyu* (onda coreana). Os resultados da experiência pedagógica indicam um significativo engajamento dos estudantes e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre as contestações geopolíticas envolvidas na nomeação de territórios, bem como sobre os processos identitários em curso na região da Ásia Oriental. A prática revelou o potencial formativo da Geografia escolar enquanto campo de saber que problematiza o poder dos nomes geográficos nos mapas e seus reflexos na construção de narrativas territoriais.

Palavras-chave: Educação Básica; Extensão Universitária; Geografia Escolar; Mar do Leste; Coreia do Sul.

¹ Licenciada em Geografia (UEPB), Mestre em Geografia (UFPE) e Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Bolsista CAPES, ana_adiniz@hotmail.com;

² Doutora em Geografia Física pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, mirciafortes@ufam.edu.br;



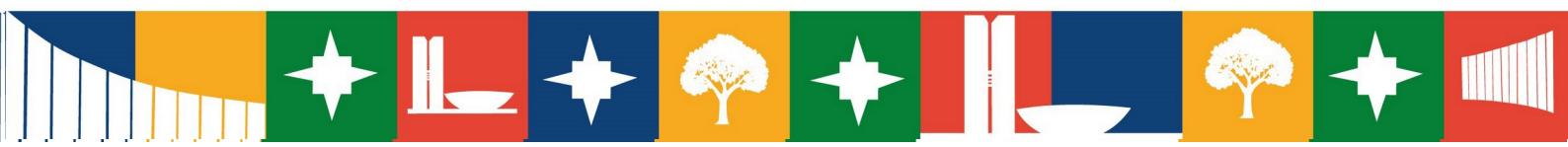
INTRODUÇÃO

O trabalho “Geopolítica em sala de aula: Questão toponímica sobre o Mar do Leste/Mar do Japão como experiência didática na extensão universitária” apresenta uma proposta formativa que articula ensino, pesquisa e extensão para desenvolver, com estudantes do Ensino Médio, uma compreensão crítica das tensões territoriais e geopolíticas envolvidas na nomeação de espaços marítimos, em especial da toponímica Mar do Leste e Mar do Japão. A experiência, vinculada à Universidade Federal do Amazonas, integra ações de investigação iniciadas em 2019 e aprofundadas na extensão universitária, permitindo que alunos vivenciassem práticas que articulam análise geográfica, histórica, econômica e cultural sobre a Coreia do Sul e o contexto da Ásia Oriental.

A extensão universitária assume centralidade no projeto, pois possibilita a circulação do conhecimento científico para além dos espaços acadêmicos tradicionais, promovendo diálogo com a escola e fortalecendo a formação cidadã dos estudantes. Como prevê a própria concepção de extensão no ensino superior, a inserção de universitários e professores em atividades colaborativas contribui para democratizar saberes, consolidar práticas pedagógicas contextualizadas e aproximar juventudes de temas geopolíticos contemporâneos que raramente são explorados no currículo regular. A ação de extensão se materializou por meio de oficinas, debates, atividades cartográficas, análises de documentos históricos e estudos sobre identidade territorial, economia e cultura coreana, produzindo uma experiência de aprendizagem ativa e significativa.

O cronograma de atividades demonstra um percurso progressivo, no qual os estudantes passaram por etapas que incluíam: localização geográfica e formação geológica da Península Coreana; análise histórica da anexação da península coreana pelo Japão e da divisão política entre as duas Coreias; estudo da toponímia; compreensão da legislação marítima e das categorias geográficas relacionadas ao espaço oceânico; discussão sobre economia sul-coreana, turismo e setores estratégicos; e, por fim, contato com elementos culturais, como tradições e a influência global da Hallyu³. Essa sequência promoveu uma compreensão integrada da realidade estudada e reforçou o caráter interdisciplinar esperado tanto pela BNCC quanto pela educação geográfica contemporânea.

³ CF Afonso (2022, p. 19) “Esse fenômeno é essencialmente conhecido como a ‘admiração’ pela cultura pop sul-coreana. O nome vem de uma adaptação da palavra chinesa ‘Hánliú, que se entende como ‘onda da Coreia’, se traduzindo literalmente, razão pela qual o fenômeno também é conhecido pelo termo ‘Korean Wave’.”





A Base Nacional Comum Curricular orienta que o Ensino Médio trabalhe com competências gerais e específicas que promovam o pensamento crítico, a compreensão de fenômenos complexos e o protagonismo juvenil. Dentre as competências gerais, destacam-se questões atreladas a compreensão do mundo e da realidade social, o pensamento crítico, científico e criativo, bem como o trabalho com diferentes linguagens, múltiplas fontes de informação, fatores associados ao exercício da cidadania.

Essas competências, propostas pela BNCC (2018), se alinham diretamente à proposta do projeto, que envolve leitura e interpretação de mapas, análise de documentos internacionais, debate de tensões políticas e reflexão sobre identidades culturais. No componente Geografia, a BNCC reforça que o estudante deve compreender as interações entre sociedade e natureza, as disputas geopolíticas que moldam o território e os processos de produção e apropriação do espaço. Ao tratar de conflitos territoriais, formação de identidades, fronteiras, toponímia e relações internacionais, o projeto atende a habilidades que envolvem: analisar relações de poder e conflitos geopolíticos, interpretar mapas e representações espaciais criticamente, entender diferentes escalas do espaço e suas dinâmicas e relacionar aspectos econômicos, culturais e ambientais em contexto.

Desta forma, a escolha do caso Mar do Leste/Mar do Japão é especialmente pertinente, pois evidencia como elementos linguísticos, históricos e culturais influenciam disputas territoriais, e como a cartografia, muitas vezes, reproduz relações de poder. Também promove a compreensão do papel das instituições internacionais, como Organização Hidrográfica Internacional (IHO) e Organização das Nações Unidas (ONU), e dos interesses econômicos e geopolíticos presentes na região.

A metodologia adotada, composta por dinâmicas, atividades cartográficas, oficinas e análises geopolíticas, favoreceu o desenvolvimento de competências cognitivas superiores entre os estudantes

, como interpretação, argumentação, comparação, inferência e análise crítica, em consonância com o enfoque de ensino por competências defendido pela BNCC (2018). A extensão, nesse contexto, potencializa o processo educativo ao aproximar os alunos de práticas investigativas e vivências que transcendem a sala de aula tradicional.

Ao final, os resultados revelam que os estudantes desenvolveram maior compreensão sobre a complexidade das questões geopolíticas, ampliaram suas perspectivas sobre identidades territoriais na Ásia Oriental e reconheceram o papel dos nomes geográficos na construção de narrativas de poder. Essa percepção crítica corresponde ao que se espera do





Ensino Médio contemporâneo: jovens capazes de compreender o mundo globalizado e de posicionar-se de forma fundamentada frente a problemas reais.

IX Seminário Nacional do PIBID

METODOLOGIA

A experiência pedagógica foi desenvolvida a partir de uma abordagem metodológica integrada, fundamentada nos princípios da extensão universitária e na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. As ações foram organizadas em etapas articuladas, combinando momentos expositivos, práticas investigativas, análise crítica de fontes e atividades interativas.

Inicialmente, foram realizadas dinâmicas introdutórias que tinham como objetivo ativar conhecimentos prévios dos estudantes e estabelecer conexões iniciais com a temática da Ásia Oriental. Esses momentos permitiram a contextualização histórica e geográfica da Península Coreana, favorecendo a compreensão dos elementos culturais, políticos e identitários relacionados à região.

Em seguida, a metodologia incorporou atividades cartográficas, nas quais os estudantes analisaram diferentes representações do Mar do Leste/Mar do Japão. O trabalho com mapas, croquis e documentos oficiais possibilitou a leitura crítica do espaço marítimo e a identificação das toponímias presentes em materiais didáticos e em produções cartográficas internacionais. Essa etapa incentivou a reflexão sobre o papel do mapa como instrumento de poder e construção de narrativas geopolíticas.

A atividade também contou com análises geopolíticas dirigidas, nas quais foram examinados textos, vídeos, mapas e documentos que abordavam a toponímia e seus desdobramentos políticos, territoriais e simbólicos. A mediação docente orientou os estudantes a reconhecerem como diferentes países constroem sentidos e legitimidades por meio da denominação de espaços geográficos, ao considerar “a ‘geopolítica, enquanto do conhecimento, se refere à influência de fatores econômicos, geográficos e demográficos sobre a política global, distribuição espacial do poder, emergência de atores não estatais no cenário internacional e às relações entre Estado-Nacional e território (Ladeira; Leão, 2018, p. 36)

Tendo em vista a discussão aqui retratada, foram realizadas oficinas interativas, que proporcionaram a aplicação prática dos conhecimentos discutidos. Nessas oficinas, os estudantes exploraram temas como:

- a formação geológica e geomorfológica da Península Coreana;
- a divisão política entre Coreia do Norte e Coreia do Sul;



- ✚ os marcos da legislação internacional referentes ao espaço marítimo;
- ✚ aspectos culturais contemporâneos, como o desenvolvimento econômico da Coreia do Sul e a expansão global da *Hallyu*.

Imagen 1 – Gincana Cultural na E.E. Sant’Ana



Fonte: As autoras, 2022

As oficinas permitiram que os participantes produzissem sínteses cartográficas, análises comparativas e reflexões escritas, fortalecendo o caráter interdisciplinar da proposta e estimulando o protagonismo estudantil. Ao longo de todo o processo, a metodologia se manteve ancorada no referencial teórico-metodológico da extensão universitária, buscando





articular conhecimentos acadêmicos e saberes sociais. Essa integração possibilitou que os estudantes desenvolvessem competências analíticas sobre questões territoriais, identitárias e geopolíticas, especialmente no que se refere às dimensões simbólicas implicadas na nomeação do Mar do Leste/Mar do Japão.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando nos remetemos ao espaço associado ao componente de Geografia, a BNCC (2018) estabelece que o estudante deve compreender, ao longo do processo de ensino-aprendizagem em consonância com suas experiência de vida, o Espaço Geográfico como um resultado histórico das interações entre sociedade e natureza. Sendo este paulatinamente construído, bem como constantemente transformado por dinâmicas econômicas, culturais, políticas e ambientais. Desta forma, é necessário enfatizar que o ensino de Geografia deve promover uma leitura crítica do mundo, estimulando a percepção das desigualdades socioespaciais, das relações de poder e dos diferentes usos do território. Mediante o exposto, é importante ressaltar que

(...) analisar, comparar e compreender diferentes sociedades, sua cultura material, sua formação e desenvolvimento no tempo e no espaço, a natureza de suas instituições, as razões das desigualdades, os conflitos, em maior ou menor escala, e as relações de poder no interior da sociedade ou no contexto mundial são alguns dos principais desafios propostos pela área para o Ensino Médio (Brasil, 2018, p. 551)

Partindo desse pressuposto, evidencia-se a sistematização da BNCC (2018), que organiza o ensino de Geografia a partir de categorias fundamentais para a ciência geográfica, como lugar, paisagem, território, região e escala. O conceito de lugar é entendido como o espaço das vivências socioespaciais, marcado por afetividade, pertencimento, percepção e experiências cotidianas do/para o estudante. Já o espaço geográfico é concebido como resultado/(trans)formação das ações humanas articuladas aos elementos naturais, constituindo-se como um campo de disputas, fluxos e distintas formas de organização. Assim,

Essas categorias são fundantes para a investigação e a aprendizagem, não se confundindo com temas ou propostas de conteúdos. São aquelas cuja tradição nos diferentes campos das Ciências Humanas utiliza para a compreensão das ideias, dos fenômenos e dos processos políticos, sociais, econômicos e culturais (Brasil, 2018, p. 550)

Assim, compreender esse espaço implica analisar como a sociedade se organiza e se distribui, observar as desigualdades e disputas que nele se manifestam, reconhecer as





interações entre práticas sociais e elementos naturais, e identificar os conflitos decorrentes da apropriação e do uso dos recursos e dos territórios. Assim, o ensino de Geografia, orientado pela legislação educacional brasileira deve favorecer a construção de uma visão crítica e contextualizada da realidade, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de interpretar, questionar e atuar no mundo em que vivem.

Portanto, ao abordar temas como conflitos territoriais, fronteiras, formação de identidades, toponímia e geopolítica, o projeto realizado dialoga com habilidades previstas na BNCC (2018) que envolvem a análise das relações de poder e das disputas pelo uso e controle do território, o reconhecimento das diversas identidades culturais e modos de vida, a compreensão da multiplicidade de atores envolvidos na produção do espaço e a interpretação crítica de como fronteiras, nomes de lugares e divisões administrativas expressam processos históricos e políticos. Dessa forma, os conteúdos contribuem para que o estudante desenvolva uma leitura mais ampla, crítica e contextualizada do espaço geográfico.

No tocante a análise da toponímia, por exemplo, possibilita que o aluno comprehenda as marcas culturais, históricas e políticas inscritas no território, integrando temas centrais da geopolítica contemporânea, que

Em termos gerais, a geopolítica examina as maneiras pelas quais os assuntos internacionais podem ser compreendidos através de fatores geográficos; não somente a paisagem física – as barreiras naturais ou conexões de redes fluviais, por exemplo -, mas também clima, dados demográficos, regiões culturais e acesso a recursos naturais. Fatores como esses podem ter um importante impacto sobre aspectos diferenciados de nossa civilização, de estratégia política e militar a desenvolvimento social e humano, incluindo língua, comércio e religião (Marshall, 2018, p. 10)

Assim, a integração entre os conceitos favorece a construção de um raciocínio espacial consistente, permitindo ao estudante compreender criticamente as desigualdades socioespaciais e desenvolver letramento cartográfico por meio do domínio de diferentes linguagens, como mapas, imagens, gráficos e dados geoespaciais. Essa articulação contribui para a formação de um sujeito capaz de interpretar e intervir de maneira consciente no espaço em que vive, reconhecendo que as ações locais estão diretamente conectadas a dinâmicas globais, como processos de globalização, migrações, fluxos econômicos internacionais e mudanças climáticas, pois de acordo com Ladeira e Leão (2018, p.77), “A partir do momento que o aluno visualiza sua inserção no contexto local conseguirá compreender o contexto regional, nacional e global.” Dessa forma, o aprendizado torna-se mais significativo, contextualizado e alinhado às demandas contemporâneas da sociedade. Assim, ao articular





conflictos territoriais, identidades, fronteiras e relações internacionais às vivências cotidianas dos estudantes, o projeto contribui de forma consistente para a formação cidadã e para a compreensão do espaço como uma construção social, histórica e política.

Ao articular vivências cotidianas dos estudantes com conteúdos como globalização, fluxos culturais, indústria cultural e geopolítica, o ensino de Geografia favorece a leitura crítica do espaço e evidencia que fenômenos culturais globais se manifestam de forma particular no território amazônico. Essa abordagem reforça a compreensão do espaço como construção social, histórica e política, permitindo que os estudantes reconheçam as múltiplas escalas envolvidas na circulação de bens culturais, a desigualdade dos fluxos globais e os processos de apropriação local que configuram identidades e pertencimentos.

Portanto, ao abordar a expansão da *Hallyu*, a chamada onda coreana, observa-se a configuração de um dos fenômenos culturais mais expressivos da contemporaneidade. Surgida na Coreia do Sul e disseminada globalmente por meio da música denominada de *K-pop*, bem como das produções de *K-dramas*, da gastronomia, da moda e dos jogos digitais, a *Hallyu* transformou-se em uma estratégia geopolítica e econômica que projeta internacionalmente a identidade sul-coreana.

A difusão da cultura coreana no Brasil é um fenômeno possível de ser rastreado (...). Com a chegada da década de 2010, a força da cultura coreana no Brasil passou a se concentrar na música, ou seja, no *K-pop* – produto que encabeçaria a chamada *Hallyu 2.0*, sendo *Hallyu 1.0* a primeira fase, centradas nos dramas (Jung In, 2022, p.10)

Essa dinâmica integra processos mais amplos da globalização cultural, permitindo compreender como fluxos culturais, econômicos e simbólicos atravessam fronteiras e se manifestam em escalas locais. No contexto brasileiro e, de forma particular, em Manaus, o fenômeno ganhou destaque entre crianças, adolescentes e jovens, impulsionado pela conectividade digital e pela atuação das comunidades virtuais. A crescente presença de grupos de dança de *K-pop*, eventos temáticos, consumo de produtos coreanos e circulação intensificada de conteúdos midiáticos evidencia que a onda coreana funciona como um vetor de reconfiguração de referências culturais, ampliando repertórios, identidades e práticas de sociabilidade. Acerca disso, Afonso (2022), enfatiza

Também tem se verificado um crescimento do interesse pelos hábitos, estilos de vida e tradições, independentemente desses interessados pertencerem ou não a culturas semelhante (...). O papel da cultura tornou-se relevante para a economia sul-coreana, sendo um fator relevante para que ela pudesse crescer. (Afonso, 2022, p.19)



Tal dinâmica integra processos mais amplos da globalização cultural e permite compreender como fluxos simbólicos, econômicos e tecnológicos atravessam fronteiras, alcançam escalas locais e influenciam modos de vida. Ao integrar tais habilidades ao estudo da onda coreana, os estudantes são levados a reconhecer como fenômenos culturais globais se territorializam de formas desiguais, adquirindo características próprias no contexto amazônico. Com isso, fortalecem o raciocínio espacial, ampliam o letramento cartográfico e midiático, desenvolvem pensamento crítico e consolidam uma compreensão mais profunda das relações entre o global e o local, qualificando sua atuação cidadã no mundo contemporâneo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta apresentada no artigo “Geopolítica em sala de aula: questão toponímica sobre o Mar do Leste/Mar do Japão como experiência didática na extensão universitária” insere-se diretamente nessa discussão ao demonstrar que os nomes geográficos, frequentemente, expressam relações de poder, identidades nacionais e narrativas históricas. Uma vez que

Atribuir nome aos lugares é uma prática antiga, pois o homem, para se situar no espaço, precisa nomeá-lo. Assim, pode-se entender o ato da nomeação de um lugar como uma forma de apropriação do espaço, uma vez que, ao conferir um nome a um acidente físico (rio, córrego, monte...) ou a um aglomerado humano (povoado, cidade, rua, bairro), o denominador imprime uma marca identificadora sobre o referente nomeado [...] (Isquierdo, 2019, p. 11)

Ao analisar a diferença de nomenclatura adotada por Coreia do Sul e Japão para o topônimo Mar do Leste ou Mar do Japão, o estudo evidencia que a nomeação de lugares não é um ato neutro: trata-se de uma prática política que envolve diplomacia, memória histórica, representações territoriais e interesses geopolíticos. Essa perspectiva permite compreender a *Hallyu* também se configura como instrumento de projeção simbólica, reforçando a presença sul-coreana no cenário global e influenciando percepções culturais em diferentes regiões do mundo, inclusive na Amazônia, onde sua circulação impacta repertórios culturais e práticas juvenis.

Portanto, esse entendimento se materializa em unidades temáticas da BNCC (2018), como “O sujeito e o seu lugar no mundo”, “Natureza, territórios e fronteiras” e “Conexões e escalas”, que instigam o estudante a articular sua vivência local com processos de maior alcance, uma vez que o “Afeto se desdobra no deixar-se tocar pelos outros – humanos e/ou





lugares. Por isso a importância dos LUGARES e o fato de eles fazerem tanta diferença. Deixar-se des – envolver pelos lugares com tudo o que neles há de humano e não humano – é, ao mesmo tempo, elaborar eles de afetividade e responsabilidade (Haesbaert, 2017, p. 11)”. Assim, endossa-se também que

O conceito de lugar – onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e construir a paisagem e o espaço geográfico (BRASIL, 1988) – poderá ser o ponto de partida para a introdução do léxico geográfico em sala de aula. A partir de um olhar sobre o lugar, sobre o espaço cotidiano de vivência e experiência, é possível problematizar e mobilizar outros conceitos, conteúdos e habilidades essenciais para fomentar uma visão geográfica sobre o mundo (Ladeira; Leão, 2018, p. 81)

Nesse sentido, o projeto estabeleceu uma articulação direta com as habilidades previstas na BNCC (2018), que envolvem a análise das relações de poder e dos conflitos geopolíticos, considerando disputas por recursos, fronteiras, terras indígenas, áreas urbanas e zonas econômicas. Também foram contempladas habilidades relacionadas à interpretação crítica de mapas e representações espaciais, levando em conta intencionalidades, escalas, projeções e diferentes formas de representar o mundo. A ação de extensão favoreceu a compreensão das escalas do espaço geográfico em âmbito local, regional, nacional e global, reconhecendo as relações entre fenômenos e suas consequências. Além disso, promoveu a articulação entre aspectos econômicos, culturais e ambientais, entendendo como fluxos globais impactam o cotidiano das comunidades; e a identificação das interações entre sociedade e natureza, analisando impactos socioambientais, uso de recursos, vulnerabilidades e estratégias de manejo e conservação.

Ao integrar esses elementos, a extensão contribuiu para o desenvolvimento de uma abordagem geográfica crítica e contextualizada, alinhada às competências essenciais para a formação cidadã. Ao trazer esse debate para a sala de aula de forma contextualizada, o professor possibilita que os estudantes compreendam o jogo de escalas envolvido, da tensão geopolítica no Leste Asiático aos efeitos socioculturais presentes no cotidiano manauara. Dessa forma, o estudo da onda coreana articulado ao nome geográfico do Mar do Leste/Mar do Japão constitui uma estratégia didática interdisciplinar que integra geopolítica, cultura, identidade e pensamento espacial. Ao relacionar fenômenos globais e realidades locais, essa abordagem favorece a formação de estudantes críticos, capazes de compreender o mundo em múltiplas escalas, interpretar relações de poder e reconhecer-se como sujeitos atuantes em uma sociedade global cada vez mais interconectada.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

A experiência didática relatada evidenciou que a abordagem da geopolítica em sala de aula, especialmente a partir da toponímia dupla Mar do Leste/Mar do Japão, constitui um caminho pedagógico eficaz para o desenvolvimento do pensamento crítico e do raciocínio espacial dos estudantes do Ensino Médio. A iniciativa demonstrou que a extensão universitária, articulada aos demais pilares da universidade pública, ensino e pesquisa, potencializa a formação docente e discente, ao mesmo tempo em que amplia o impacto social do conhecimento acadêmico.

Ao mobilizar o tripé ensino–pesquisa–extensão, o projeto demonstrou a força transformadora da universidade pública quando se aproxima da escola básica. A pesquisa, ao investigar a representação cartográfica e geopolítica da toponímia, forneceu bases teóricas sólidas; o ensino, por meio da formação acadêmica de graduandos envolvidos, garantiu a sistematização e apropriação desses conhecimentos; e a extensão permitiu que esse saber chegassem à comunidade escolar, convertendo-se em prática educativa viva, contextualizada e socialmente relevante. Essa integração rompe a lógica de um conhecimento restrito à academia e reafirma o compromisso social da universidade pública em produzir ciência comprometida com o desenvolvimento humano, cultural e crítico da sociedade.

As atividades desenvolvidas durante a extensão (dinâmicas introdutórias, análises cartográficas, oficinas, estudos culturais e debates geopolíticos), mostraram aos estudantes que os nomes dos lugares são construções historicamente situadas, marcadas por disputas simbólicas, geopolíticas e diplomáticas. Ao reconhecerem que mapas e toponímias não são neutros, os alunos ampliaram seu letramento cartográfico, midiático e crítico, desenvolvendo competências específicas.

Os resultados obtidos revelam significativo engajamento estudantil, consolidação do pensamento crítico e maior compreensão sobre fenômenos complexos, como conflitos territoriais, identidades nacionais e fluxos culturais globais, como a *Hallyu*. Além disso, demonstram que a aproximação entre universidade e escola básica fortalece práticas pedagógicas inovadoras, amplia repertórios culturais e científicos e contribui para a formação de jovens mais autônomos, críticos e conscientes de seu papel no mundo contemporâneo.

Assim, o estudo do nome geográfico Mar do Leste/Mar do Japão e sua implementação por meio do tripé universitário reafirmam o papel social da universidade pública como agente formador e transformador. Ao promover a circulação democrática do conhecimento e ao





favorecer a construção de pontes entre Educação Superior e Educação Básica, a ação de extensão evidencia que o fortalecimento das conexões entre ensino, pesquisa e extensão produz impactos concretos na qualidade da educação e no desenvolvimento da cidadania. Dessa forma, o trabalho consolida-se como uma experiência profícua de como saberes acadêmicos, quando compartilhados nas escolas, enriquecem a aprendizagem e ampliam o horizonte crítico dos estudantes, contribuindo profundamente para uma sociedade mais informada, participativa e comprometida com a compreensão das dinâmicas globais.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Adriana. Comunidades de roleplay freeform on-line, admiração pelo fenômeno Hallyu e o seu impacto na vida dos utilizadores. In: JUNH IN, Yun. **Na onda da Hallyu**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2022. (Coleção Estudos Coreanos)

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 08 de nov. 2025.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Toponímia ATEMS**: caminhos metodológicos. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2019.

JUNH IN, Yun. **Na onda da Hallyu**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2022. (Coleção Estudos Coreanos)

LADEIRA, Francisco Fernandes; LEÃO, Vicente de Paula. **A influência dos discursos geopolíticos da mídia no ensino de Geografia**: práticas pedagógicas e imaginários discentes. Curitiba: CRV, 2018.

MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da geografia**: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

HAESBAERT, Rogério. **Por amor aos lugares**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.